

FRANCISCO VENTURA

CASA DE PAIS

PEÇA EM 3 ACTOS



Representada, pela primeira vez, no Teatro Nacional de D. Maria II, na noite de 31 de Março de 1945, com a seguinte distribuição:

PALMIRA.....	Maria Clementina
TEREZA.....	Adelina Campos
REMÉDIOS.....	Maria José
JOANA.....	Maria Corte Real
DOMINGOS.....	Samuel Diniz
JOAQUIM.....	Raul de Carvalho
ANTONIO.....	Augusto de Figueiredo
ABÍLIO.....	Luís Filipe

Numa aldeia do Alto Alentejo.

Actualidade.

Ao princípio da noite.

Cena I

TEREZA e PALMIRA

PRIMEIRO ACTO

PALMIRA - (fora, junto da porta) É Tereza! Tereza!

TEREZA - (sentada à lareira, a espevitar o lume) Quem é?

PALMIRA - Sou eu, mulher.

TEREZA - Ah! É vossa senhora, ti Palmira! (Levantando-se e indo abrir-lhe a porta) Entre. Não era preciso pedir licença.

PALMIRA - (entra) Em casa de Abílio. Aposento de entrada, que também serve de cozinha, como é uso.

TEREZA - (observando) Ao fundo, conjugando com o canto da esquerda, está a chaminé, larga e ao nível do chão, onde brilha o lume com as panelas à volta. Perto, bancos baixos que servem de assento a quem está à lareira. No outro canto formado com a direita, uma porta dando para a rua. É de madeira por pintar e já escurrecida pelo tempo, tendo um postigo.

TEREZA - À esquerda, a cantareira com a louça, colocada sobre o poial onde estão os cântaros com a água. Na parte superior da cantareira, algumas peças de cobre. Entre o poial e o proscénio, uma porta para o interior, vedada por uma cortina de chita de ramagens.

TEREZA - À direita, uma arca grande e uma mesa tosca, tendo esta, em cima, alguma louça e outros objectos.

TEREZA - As paredes são caiadas de branco com rodapés escuros e nelas se vêem, pendurados, braços de cebolas, résteas de alhos, uma candeia de folha, etc.

TEREZA - Junto da lareira estão algumas cavacas e ramos secos. Espalhados pela cena, algumas ferramentas agrícolas e mais bancos.

TEREZA - (querendo sair) Não te incomodes, mulher.

TEREZA - Não. Ao princípio da noite.

TEREZA - (surgindo-se para a esquerda) Vou até aqui pelo quintal! Não é preciso sair da casa. Sente-se um bocadinho que eu já venho.

TEREZA - Não é preciso. Estou bem assim! (Tereza sai, Palmira

Cena I

TEREZA e PALMIRA

PALMIRA - (fóra, junto da porta da rua) É Tereza! Terezz!

TEREZA - (sentada à lareira, a espreitar o lume) Quem é?

PALMIRA - Sou eu, mulher.

TEREZA - Ah! É vossemecê, ti Palmira! (Levantando-se e indo abrir-lhe a porta) Entre. Não era preciso pedir licença.

PALMIRA - (entrando) Santas noites.

TEREZA - Santas noites nos dê Deus. (Prazenteira, numa surpresa risonha) O que é que a traz por cá?

PALMIRA - O teu homem não terá um ancinho que me pudesse emprestar para amanhã. Eu tinha um mas partiu-se esta tarde...

TEREZA - Eu tenho um. O que não sei é se o meu homem precisa dele.

PALMIRA - Então, deixa. Vou a casa da minha comadre Mari'Bispa. Pode ser que ela tenha.

TEREZA - Porque não espera um bocadinho? O meu homem não deve tardar. Diz-lhe logo se precisa dele ou não.

PALMIRA - Não me posso demorar muito. Tenho que fazer.

TEREZA - Ora! É só um bocadinho. A gente também não há-de andar sempre a fossar.

PALMIRA - Assim é preciso. Sem trabalhar nada se faz. Ele trabalhando, sabe Deus!

TEREZA - Isso é verdade. Mas então, se não quer estar à espreita, vá aqui a casa da minha prima. Ela deve ter.

PALMIRA - A gente não dá...

TEREZA - Ah! É verdade! Não me lembrava disso agora. Então, olhe, vou lá eu.

PALMIRA - (querendo detê-la) Não te incomodes, mulher.

TEREZA - Não me custa nada. Ela está aqui mesmo paredes meias... (Dirigindo-se para a esquerda) Vou até aqui pelo quintal! Nem é preciso sair de casa. Sente-se um bocadinho que eu já venho.

PALMIRA - Não é preciso. Estou bem assim! (Tereza sai. Palmira

fica um momento no mesmo sítio. Depois, olha em volta distraidamente, dá um passo para a lareira, mas retrocede e acaba por se sentar num banco. Domingos surge ao fundo, abrindo a porta da rua. É um velhinho vergado ao peso dos anos e dos desgostos, outrora vigoroso e forte, agora trôpego e mal vestido).

Cena II

DOMINGOS e PALMIRA

DOMINGOS - (depois de olhar um momento, vindo até Palmira) Deus te guarde, Palmira.

PALMIRA - (levantando-se) Guarde-o Deus, ti Domingos.

DOMINGOS - A minha nora?

PALMIRA - Foi ali, ao quintal, falar com a prima.

DOMINGOS - Ah! (Dá um passo para a lareira, retrocede e fica um momento parado, como que a pensar no que há-de fazer)

PALMIRA - (que o foi acompanhando com o olhar, querendo meter conversa) Que é que vossemecê tem, ti Domingos?

DOMINGOS - (levemente surpreendido) Eu?! Nada.

PALMIRA - Parece que anda triste...

DOMINGOS - Não.

PALMIRA - Vossemecê, há uma temporada para cá, que não é o mesmo. Não há quem lhe bote a vista emriba. Por onde é que se mete?

DOMINGOS - Por aí...

PALMIRA - Até parece que anda fugido.

DOMINGOS - Como não faço nada, ou vou-me deitar debaixo de alguma árvore, ou deixo-me ficar em casa. Há dias em que não pinto o pé no olho da rua.

PALMIRA - Faz mal. Olhe que o sair faz bem. A si e a toda a gente. Espairece-se. Isso de estar sempre em casa dá muito que fazer ao miolo.

DOMINGOS - Não tenho vontade de andar por fóra. (Mais triste)

Se ainda pudesse fazer alguma coisa nas hortas...Infelizmente já não posso trabalhar!

PALMIRA - - [Trabalhar?! Era o que faltava! Vossemecê, agora, já não precisa disso.

DOMINGOS - Não preciso, não: não posso!

PALMIRA - (querendo tornar-se alegre) Agora, é só sopas e des-cando, pois então! Já trabalhou e até demais. Os outros que tra-balhem agora para si. É essa a obrigação deles.

DOMINGOS - (soturno) Deus te livre, Palmira, de tudo quanto se-ja por obrigação.

PALMIRA - Ora!

DOMINGOS - O melhor era que eu trabalhasse. Andava mais à mi-nha vontade.

PALMIRA - E assim também anda.

DOMINGOS - Parece-te! Não há maior desgraça neste mundo do que estar às sopas dos outros. Sempre é por favor.

PALMIRA - Para si não é favor nenhum. São seus filhos.

DOMINGOS - Pois são... Mas sempre é melhor a gente ganhar aqui-lo que gasta. Até tem melhor sabor o pão que se come. Se não fossem estas malditas dores das minhas pernas, que não me dei-xam fazer nada há uma data de anos! (Uma pausa. Domingos parece meditar em coisas graves. Palmira olha-o muito, como quem quer abordar qualquer assunto mas sente hesitação)

PALMIRA - (decidindo-se por fim) Olhe lá, ti Domingos, vosseme-cê seria capaz de me dizer uma coisa?

DOMINGOS - Se eu souber...

PALMIRA - Ninguém, melhor que vossemecê, o pode saber. E será capaz de me dizer toda a verdade?

DOMINGOS - Se for verdade...

PALMIRA - Às vezes, há coisas...

DOMINGOS - Que raio de modos tu tens hoje, mulher! Desembucha lá duma vez!

PALMIRA - (enchendo-se de coragem) É verdade que a sua nora, a Tereza, o trata muito mal?

DOMINGOS - (numa surpresa por não estar preparado para a pergunta) A minha nora... tratar-me mal...

PALMIRA - É o que se diz por aí.

DOMINGOS - Quem?

PALMIRA - Toda a gente. Não se fala noutra coisa. Ainda ontem estavam a falar nisso no forno da Eugénia Passa. Há um bocadinho ouvi o mesmo na fonte. E também já o tenho ouvido quando vou lavar a minha roupa ao ribeiro do Vale Covo. (Depois de uma pausa, vendo que ele se cala) É verdade, ti Domingos? (Cheia de paixão por vê-lo mais triste ainda) É verdade, pois é?

DOMINGOS - (com muito custo, numa voz surda) É verdade!

PALMIRA - Ela trata-o mesmo muito mal?

DOMINGOS - Não é só ela.

PALMIRA - É também a outra sua nora?

DOMINGOS - (vivamente, com sinceridade) Não. Essa é boazinha.

PALMIRA - Então...

DOMINGOS - São eles.

PALMIRA - (numa grande admiração) Os seus filhos?

DOMINGOS - Esses mesmos.

PALMIRA - Parece impossível!

DOMINGOS - Eu nem sei como tenho aguentado tanto! Se não fosse estar já tão acabado...

PALMIRA - Razão tinham os que falavam! E eu a julgar que era só má língua e inveja.

DOMINGOS - Tenho sofrido muito. Muito! Nem tu podes calcular. Tratam-me como se fosse um cão. Dão-me o comer aos arremetões, brigam comigo pela mais pequena coisa... Não tenho voz activa para dizer nada. Mal abro a boca, caem-me logo todos em cima capazes de me comer. Olha que até já têm feito para mim comer diferente do deles.

PALMIRA - (cada vez mais admirada) Isso é demais!

DOMINGOS - So eu! So eu!

PALMIRA - Mas a Tereza é a pior de todas, não é ti Domingos?

DOMINGOS - Sim, essa deve de ser a pior. Tem alma de diabo. Parece mesmo, às vezes, que é ele em pessoa de gente. Se é ver-